

“Romance ingênuo de duas linhas paralelas”



Duas linhas paralelas

Muito paralelamente
 iam passando entre estrelas
 Fazendo o que estava escrito:
 Caminhando eternamente de
infinito a infinito
 Seguiam-se passo a passo
 Exatas e sempre a **par**
 Pois só num **ponto do espaço**
 Que ninguém sabe onde é
 Se podiam encontrar
 Falar e tomar café.
 Mas farta de andar sozinha
 Uma delas certo dia
 Voltou-se para a outra linha
 Sorriu-lhe e disse-lhe assim:
 “Deixa lá a **geometria**
 E anda aqui para o pé de
 mim...!
 Diz a outra: “Nem pensar!
 Mas que falta de respeito!
 Se quisermos lá chegar
 Temos de ir devagarinho
 Andando sempre a direito
 Cada qual no seu caminho!”

Não se dando por achada
 Fica na sua a primeira
 E sorrindo amalandrada
 Pela calada, sem um grito
 Deita a mãozinha matreira
 Puxa para si o infinito.
 E com ele ali à frente
 As duas a murmurar
 Olharam-se docemente
 E sem fazerem perguntas
 Puseram-se a namorar
 Seguiram as duas juntas.

Assim nestas poucas linhas
 Fica uma história banal
 Com linhas e entrelinhas
 E uma moral convergente:

O infinito afinal
 Fica aqui ao pé da gente.

Autor: José Fanha

Nome do professor que leu o texto	Turma	Data da leitura